

A Praça Gomes Freire em álbuns: fotografias, arquivos e disputas de memória¹

Mariana do Nascimento Hermidas²
Gustavo Henrique dos Santos Silva³
Paulo César Santos Gouvêa⁴
Daniel Paiva de Macêdo Júnior⁵
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

RESUMO

O trabalho investiga as lógicas de sociabilidade da Praça Gomes Freire, comumente conhecida como Jardim, em Mariana, durante o século XX, através da construção de um acervo montado a partir do relato de antigos moradores da cidade e registros fotográficos de acervo pessoal dos entrevistados, e fotografias encontradas no grupo do *Facebook* Mariana do Fundo do Baú, que ilustram aspectos arquitetônicos do local, e que, por conseguinte, apresentam um retrato da população marianense frequentadora do local na época. Com o material, buscamos produzir um projeto gráfico com os referidos registros e conta também com fotografias atuais para demonstração do uso do Jardim na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: memória; cidade; Praça Gomes Freire; Jardim; história

A Praça Gomes Freire fica no Centro histórico de Mariana, cidade localizada na Região dos Inconfidentes em Minas Gerais, a aproximadamente 115 quilômetros da capital mineira, Belo Horizonte. O Jardim — nome dado à praça pelos seus frequentadores devido a sua semelhança com um jardim — é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1939. Seu nome é uma homenagem ao médico marianense Gomes Henrique Freire de Andrade, nascido em 3 de janeiro de 1895, filho de Antonio Gomes Freire de Andrade e Maria Augusta Lebet Freire de Andrade (DR GOMES..., 2018).

A praça já teve vários nomes, entre eles: Largo da Cavallhada, no século XVIII por abrigar os bebedouros para cavalos no local, e dar lugar às festas de mesmo nome, além das touradas; de acordo com a tecnóloga em conservação e restauro, Larissa Santos (2017), quando a Vila do Carmo (atual Mariana) foi elevada para cidade, a referida praça passou a se chamar Dom João V; o nome Largo do Rocio, que faz referência às gotas de orvalho, e tem relação com o chafariz que foi instalado na praça

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e narrativas urbanas, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, email: mariana.hermidas@aluno.ufop.edu.br

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, email: gustavo.hss1@aluno.ufop.edu.br

⁴ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, email: paulo.csg@aluno.ufop.edu.br

⁵ Professor do Departamento de Jornalismo da UFOP, email: daniel.3macedo@gmail.com

em 1749. E o nome atual, adotado em 1945, homenageando o médico falecido em 1938. Essa transição, mais que uma alternância de nomes, revelam projetos de reconfiguração do espaço a partir de orientações a novos modais de sociabilidade naquele espaço, como apontam Scheila Alves, Madeleine Figueiredo e Patrícia Paiva (2010) e Moacir Maia (2015) ao praticarem esforços de pesquisa que se orientam a posicionar as relações sociais constituídas com o lugar.

A praça passou por mudanças significativas ao longo dos anos até 2019, data da sua obra de revitalização, realizada pela Fundação Renova, como medida compensatória pelo rompimento da Barragem de Fundão, em 8 de novembro de 2015. A obra no Jardim foi interrompida devido à pandemia de COVID-19 e foi retomada em junho de 2020, sendo reaberta gradualmente em meio a protestos de moradores da região.

O Jardim conta, atualmente, com bancos de madeira, coreto, chafariz e diversas árvores, configurando-se como o principal ponto de encontro na cidade histórica. Além de sua localização no coração de Mariana, o lugar se vale de narrativas históricas para se posicionar como um ponto referente para o turismo e, com isso, como um cartão-postal da cidade.

A constituição referencial de um espaço e de suas sociabilidades não se delimita exclusivamente por sua localização, mas pelos tensionamentos que orientam modos de significação e de experiência do lugar ao notarmos os modos de vivê-lo e as alternâncias nas políticas e composição do lugar. Isto é, como propõe Stephen Recket (1989), um gesto para notarmos que diferentes imaginários sobre a cidade se enredam a partir dos modos de ocupar o espaço; ou como propõe Linda Gondim (2007) ao discutir que “destinos inventados” se elaboram sob diferentes exercícios de poderes permitindo uma multiplicidade de lugares ao mesmo espaço referencial. Nesse rumo, não cabe designar o que é a Praça Gomes Freire como um dado simples e imutável, mas observar e questionar o que ela se torna a partir dos diferentes empenhos narrativos que a revelam os lugares imaginados e inventados a partir das significações atribuídas ao espaço.

A fim de observarmos essas tensões, Linda Gondim (2007) nos dá pistas ao admitir que as fotografias se constituem como formas de materializar os imaginários das cidades e que, algumas delas orientadas à dimensão pública em formas de cartões postais, assumem maiores legitimações por projetos que buscam inventar o espaço com finalidades turísticas. Assim como Gondim (2007), nos interessamos pela fotografia;

mas nossos olhares direcionam-se a outros rumos na medida em que nos desviamos da afirmação institucional da propaganda turística e nos interessamos pelas imagens outras que revelam outros lugares e outras sociabilidades.

Nesse fluxo, nos aproximamos das percepções de Daniel Macêdo e Elian Machado (2023) ao notarem que a circulação de outras imagens friccionam a narrativa turística de um destino inventado comum ao materializarem outros lugares por vias simbólicas a partir de afirmações visuais que podem assumir fluxos que já não se delimitam pelas regularizações admitidos operadas com a política de turismo. Contudo, nos diferenciamos deles nos modos de operar essa relação com as imagens; pois, enquanto eles partem da produção de fotografias como processo metodológico, nos interessam as fotografias já produzidas como modos de notar as experiências, as agências e as sociabilidades possíveis a diferentes agentes que se envolvem com o espaço demarcando lugares por vias simbólicas.

Para isso, utilizamos o grupo Mariana do Fundo do Baú⁶ da rede social *Facebook* como principal acervo imagético e de relatos utilizado para a pesquisa. Ele é público, acessível e para ingressar é preciso somente ter uma conta na referida rede social. *Mariana do Fundo do Baú* possui, atualmente, mais de 12 mil membros, que compartilham suas histórias e relatos na cidade que dá nome ao grupo. Foi realizada coleta de registros fotográficos compartilhados por membros da comunidade virtual. Além dos registros disponíveis no grupo de *Facebook*, algumas imagens foram disponibilizadas por moradores da cidade, a exemplo do morador Lauro Soares.

Nossa opção metodológica se orienta a reunir registros pessoais que articulam álbuns, sejam os impressos que mobilizam os acervos físicos e familiares, sejam os digitais que se reconfiguram coletivamente no grupo de *Facebook*. Não há um acervo estruturado de imagens sobre a Praça e muito se perdeu com o tempo, como relatam alguns membros do grupo. Nosso desafio metodológico, portanto, se dimensiona pela composição de um acervo a partir dos engajamentos fotográficos de habitantes dos lugar que, ao reunir imagens, opera diante da ausência de tais sistematizações no Arquivo Municipal que reflete os poucos relatos escritos além dos encontrados na rede social utilizada na pesquisa para obtenção de material e para mapear moradores

⁶ Grupo público e virtual no Facebook.

dispostos a falar sobre suas memórias, seus hábitos e relatos de tradições que envolviam o Jardim.

Os moradores mobilizam seus álbuns fotográficos como modo de afirmar o lugar a partir de suas experiências; de modo que nossa abordagem orienta-se por essa dupla relação em que, por um lado, nos interessamos por suas gestões pessoais de acervos a partir dos álbuns físicos que dispõem em suas casas; por outro, valorizamos o grupo e seus álbuns por ser um fórum de discussão e reposicionamento das memórias. São nos comentários das postagens que moram relatos, falas e réplicas de determinadas lembranças e curiosidades históricas do Jardim.

Em nossa pesquisa, encontramos fotografias com aspectos arquitetônicos da praça e com aspectos socioculturais do lugar. Em maioria, são imagens realizadas no século XX com cenas em que o público frequentava o Jardim que nos permitem pensar os diferentes usos da referida praça. São rememorados eventos, acontecimentos e espaços físicos do passado e a partir disso outros participantes cancelam trazendo mais informações, anedotas, contos e até lendas que complementam as narrativas. Por meio destes ricos relatos é possível construir o quebra-cabeça da história e imagem física do saudoso Jardim do passado.

Como etapa da construção narrativa produzida a partir dos registros que analisamos do espaço, elaboramos um projeto gráfico que reúne o material fotográfico, usando como referência o formato de revista. A partir disso, o Jardim é dividido entre construções moldadas a partir de dois tempos distintos: as memórias “saudosistas” dos moradores idosos, usando seus registros para representar a praça visualmente, e paralelo a isso, sua representação a partir de seu entendimento contemporâneo, estrutura atual e registros recentes. A escolha de cores para representar os dois estados se referem a cores predominantes nas fotografias utilizadas: marrom e laranja ao retratar das memórias do espaço, como referência ao amarelado causado pelo envelhecimento das fotografias antigas e o azul para os retratos contemporâneos, em referência a atual cor do Coreto.

Ao nos envolvermos com os arquivos pessoais nos álbuns de família e os coletivos e discutidos coletivamente no grupo do Facebook, podemos notar como ambas as dinâmicas revelam-se como práticas curatoriais que mobilizam imaginários sobre a cidade e sobre as relações com o espaço; ao passo que, ao selecionarmos imagens para compor um arquivo sobre a Praça Gomes Freire, também exercitamos nosso papel

curador ao admitir e recusar determinadas fotografias para compor memórias sobre a cidade. Em cada um desses processos, resguardadas suas particularidades, temos esforços em que admitimos o arquivo como um exercício de poder ao engendrar elaborações narrativas enquanto de outras se desfaz. Isto é, como propõe Diana Taylor (2013), um movimento que admite as parcialidades do arquivo frente aos repertórios que os compõem.

Assim, importa reconhecermos que há tensões na ausência de registros sistematizados sobre os Jardins, assim como há intenções que nos são pertinentes quando nos propomos a tal feito. Há, ainda, diferentes motivações para as pessoas guardarem e esconderem suas fotografias que testemunham relações com o espaço. Essas dinâmicas enredam relações complexas pelas quais as memórias sobre a Praça se deslocam de um dado comum e se posicionam como um terreno de disputas agenciadas por diferentes perfis. Nesse aspecto, pensadores aqui citados convergem ao destacarem que a relação entre memória e espacialidades demanda um necessário reconhecimento de suas incompletudes e, com isso, dos agenciamentos políticos que os posicionam em multiplicidades.

Se há diferentes memórias e lugares que se elaboram com a espacialidade da Praça, há também dinâmicas e relações de poderes em que essas composições coabitam de modos desarmônicos. Na Praça, diferentes concepções sobre a história do espaço e sobre a memória de distintos lugares se enredam e se “friccionam”, como observam Macêdo e Machado (2023) ao notarem que diferentes elaborações simbólicas de lugares mobilizam disputas e projetos de cidade. Em nosso caso, nos interessa particular atenção aos nossos engajamentos com as fotografias para construir narrativas sobre os Jardins e, com eles, nos inserirmos nas disputas de memória sobre o lugar - aspecto que discutiremos com maior fôlego em etapas futuras, a partir dos processos de criação narrativa a partir do acervo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Shirley; FIGUEIREDO, Madeleine; PAIVA, Patrícia. **História da Praça Gomes Freire**: o Jardim de Mariana. Lavras: Ed. UFLA, 2010.

FONSECA, Cláudia. **O espaço urbano de Mariana**: sua formação e suas representações. In: TERMO de Mariana: história e documentação. Ouro Preto: Ed. UFOP, 1998.

GONDIM, Linda. **O dragão do mar e a fortaleza pós-moderna**: cultura, patrimônio e imagem da cidade. São Paulo: Annablume, 2007.

MAIA, Moacir. Histórias (re)conectadas: o horto botânico de Vila Rica e os jardins do antigo palácio dos bispos de Mariana. In: PESSOA, Ana; FASOLATO, Douglas; ANDRADE, Rubens de (Orgs.) **Jardins históricos**: a cultura, as práticas e os instrumentos de salvaguarda de espaços paisagísticos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015.

MACÊDO, Daniel; MACHADO, Elian. Fotografia e fricções de imaginários sobre a Praia do Futuro. **Discursos Fotográficos**, v. 20, n. 34, 2023.

RECKET, Stephen. **Imaginário da cidade**. Lisboa: Fund Calouste Gulbenkian, 1989.

SANTOS, Larissa. **Jardim**: A Praça Gomes Freire na Vida dos Marianenses. 2017. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso Tecnologia em Conservação e Restauro – Instituto Federal de Minas Gerais, Ouro Preto, 2017.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

DR GOMES Freire de Andrade. **Revista Mariana Histórica e Cultural**, 12 de jun. 2018. Disponível em: <http://marianahistoricaecultural.com.br/noticia/9/dr-gomes-freire-de-andrade>. Acesso em: 29 de mar. 2025.